



o professor

CRISTOVÃO TEZZA



do autor de o filho eterno

Cristovão Tezza

O PROFESSOR



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

Tezza, Cristóvão, 1952-

T339p O professor [recurso eletrônico] / Cristóvão Tezza. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

referências, agradecimento,

ISBN 978-85-01-002703-0 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

14-10567

Copyright © by Cristóvão Tezza, 2014

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, rj – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-002703-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Nõ pode alguẽ seer boa testimunha d'outra
se primeiro nõ for boa testimunha de sy meesmo*

Vita Christi, 14

Acordou de um sono difícil: sobre algo que parecia um leito, estava abraçado ao inimigo que tentava aproximar os lábios dos seus. Não quis ser ríspido, entretanto, empurrá-lo para longe, como seria o óbvio, talvez agredi-lo com um soco; apenas desviou o rosto, dizendo algo que agora não conseguia mais ouvir, na claridade da manhã. Mas eram movimentos gentis, ele percebeu; tentava afastar-se dele com delicadeza, como quem desembarca de uma cama em que a mulher dorme e não deve ser acordada. O inimigo: sim, ele imagina que teve um, durante a vida inteira, e agora ele vinha assombrar até seus sonhos, com a sua proximidade pegajosa. Ficou intrigado, no gelo de quem acorda, com o fato de não ser perturbado com a evidente sugestão sexual, aqueles lábios envelhecidos quase tocando os seus, uma imagem tão forte que não conseguiria mais esquecê-la, não esqueceria jamais, ele se assombrou, como se tivesse um interminável futuro pela frente, lembrando o sonho que viveu em 1952, criança, caindo de um desfiladeiro e salvando-se com a força de um grito — a mãe veio velá-lo, e lembra-se nitidamente daquela mão protetora nos cabelos, mais de 60 anos atrás. Jamais passou a mão nos cabelos de seu filho, mas os tempos eram outros, mais duros — ou apenas ele é que sempre se imaginou uma pessoa dura. Ora — e ele sacudiu a cabeça, voltando ao início. Quanto tempo? Setenta — e olhou os dedos, movendo-os lentamente, sentindo a breve dor que acompanhava os gestos ao amanhecer. Não importa. Chegando aos 71, ele corrigiu a si mesmo. A imagem da queda permaneceu, e era como se novamente caísse, o vazio no peito, a sombra do pânico, a montanha-russa na alma. Tudo é química, disse em voz alta em defesa, tudo é química, esses comprimidos, ele acrescentou, em voz baixinha agora, que ninguém ouvisse, tudo é química, eu sou vítima desses experimentos em pó em forma de comprimidos — e enfim sorriu, como se a simples explicação suprimisse toda a cadeia de desconcertos do amanhecer.

A cadeia de desconcertos deste amanhecer, ele sussurrou, achando bonito, testando a linguagem e vivendo um impulso de entusiasmo — eu poderia ter sido escritor, se tivesse tido a coragem no momento certo. Quase rompi a membrana e passei para o lado de lá. Parece simples. Therèze uma vez lhe disse: por que você não escreve? Um tropeço de fonemas — *cadeia de desconcertos deste*. O fonema “d”, repetiu ele milhares de vezes diante de milhares de alunos, seguido da vogal “i”, palataliza-se em algumas regiões do Brasil. Comparem: *djiã*

dia, assim, *dia*, ele abria bem a boca para a demonstração, alveolar, a língua contra os dentes da arcada superior. Para quem não compartilha a diferença de sotaque, é engraçado. Passou as mãos no rosto, moveu a cabeça de um lado a outro, três vezes, num simulacro de ginástica — é bom contra torcicolo, ele ouviu uma vez e passou décadas repetindo o movimento. Mas o pescoço parece um papo de galinha, assim como os olhos revelam o pé de galinha — é assim que as mulheres dizem. Um símile perfeito. Essa pele despencada grudando-se ao que resta do apoio, para se espriar em ossos secos que se erguem como raízes de árvores arruinadas. A clássica barba amanhecida, ainda por fazer. Houve um tempo em que era estilo. Minha cabeça é um bulbo, e ele se surpreendeu com a teimosia da conclusão, já diante da plateia: senhoras e senhores, brasileiras e brasileiros, eu fui sim um homem bonito. Eheh. Esticou a perna direita, depois a esquerda. As pernas pareciam doer menos essa manhã. A química funciona.

A verdade é que nem sempre fui um homem antigo, ele argumentou arriscando uma ironia em defesa própria, agora sentado na cama de imbuia envernizada, mais velha ainda que ele, com seus frisos caprichosos. Confira os detalhes da cabeceira. Uma hora de trabalho em cada raminho de madeira, as ranhuras das folhas perfeitas no relevo. No tempo dos artesãos, que não existem mais. Não fabricam mais nada assim, ele ouviu a mulher repetir mil vezes, com irritação legítima, hoje é esse lixo descartável, serragem com cola, a cama desmonta no primeiro dia — na primeira trepada, ele completou uma vez, há muitos e muitos anos, e os dois riram. A Mônica, senhores, de saudosa memória. Talvez a homenagem que vão fazer a ele seja justamente o reconhecimento de sua atualidade. Não. De sua contribuição. Alguém que passou sem traumas (Na verdade, com altruísmo; eles têm de reconhecer pelo menos isso. Se não fosse ele — se não fosse ele o mundo não existia? Sim, de certa forma, e ele riu como quem ouve uma piada de café; o velho e bom solipsismo. Depois de mim, o dilúvio sem mim, nada! É engraçado.) — que passou sem traumas da velha filologia românica para a linguística moderna — do papel escrito para a língua viva. Dos textos sólidos — desenhados quase que com o punhal há 600 anos, a brutalidade do tempo, e que ele lia com prazer, no púlpito da sua aula, aquilo sim é palpável, a verdadeira gramática universal, *nom seria razã nã dereyto que no processo de nossa lyçam seiam squecidas aquellas moças que som ã estado de virgijndade, das quaes homem pode fallar em duas maneyras — daquellas que teem preposiçõ de guardar virgijndade toda sua vyda por amor de Deos e daquellas que ha guardam ho tempo de seu casamento per ordenança de seus padres*. Não é uma maravilha?, ele perguntava aos alunos, o anfiteatro cheio, um bloco granítico de silêncio.

O choque do silêncio — por que as pessoas não reconhecem a beleza no exato instante em que a veem na frente? Porque a beleza é uma conquista, ele explicou: ela precisa ser descoberta, amada e cultivada. Uma conquista. A beleza não cai da árvore. Professor, mas se a beleza é uma conquista, ela já está pronta, não? Basta encontrá-la. Não seria melhor dizer que a beleza é inventada? Isto é, as coisas estão indiferentes diante de nós, e nós inventamos a beleza. Fez-se outro silêncio no anfiteatro. Um garoto brilhante. Sentiu mais uma vez o trav

da culpa, como se o professor deixasse passar um diamante, jogasse-o fora com indiferença. Lembro vagamente de ter dado uma resposta ríspida. Em que ano foi mesmo aquilo? Com aquele instante, como uma passagem para a vida adulta de que ele até hoje não se recuperou. Sorrii: eu já não sei separar o que eu mesmo disse daquilo que os outros disseram. memória queima e derrete. Na verdade, senhores — ele fecharia o primeiro parágrafo assim —, eu não quero me lembrar.

O ano de 1984. Eu estava com 42 anos, ele se justificaria, passando-se a limpo, ao receber a homenagem, e o discurso imaginário começou a ganhar corpo na sua cabeça, o que me animou. Vejam, meus amigos, eu estava com 42 anos. Faria uma breve pausa. Na mesa estarão todos os seus velhos companheiros de jornada, com certeza. Companheiros de jornada! O que aconteceu em 1984? Foi o ano da grande greve? Não, acho que não. campanha pelas Diretas Já — quem era eu? Fechou os olhos: estava no cafezinho do departamento, em meados de maio, e coloquei açúcar no copo de plástico. Por que me recordo tão repetidamente da mesma imagem, como um fotograma avulso e ridículo que se cola em um pedaço do cérebro e ali fica para sempre? Como aqueles trechos de melodia que nos assobiamos anos a fio sem saber de onde vêm, uma linha riscada no disco mental. Açúcar no copo de plástico; a garrafa térmica; levantei os olhos e estava ali diante de mim o meu nome no cronograma do semestre: Filologia Românica: Prof. Dr. Heliseu da Motta e Silva. Segundas e Quartas, 10h30-12h30. Sou capaz de lembrar de todos os nomes e de todos os horários daquela folha A4 fixada com duas tachinhas no alto, de modo que um gesto brusco no balcão do café fazia a folha se erguer como a saia discreta de uma mulher, e ele sorriu novamente ainda sentado à cama. Um bom amanhecer. Está em Drummond, ou Bandeira: o vento ergue a saia das mulheres, algo assim. Um verso solto. É por isto que eu me lembro: cinco anos antes ninguém queria dar aula de Filologia Românica, aquela excrescência curricular. O incômodo ligeiramente canalha na reunião de departamento, um empurrando para o outro, todos estufados de razões, e eu, que sempre fui da boa e velha escola, disse: aceito. Eu estava, senhores, no meio do caminho: entendam. Nem tanto no passado, nem tanto no futuro. É isso que vou dizer hoje: no meio do caminho. Talvez citasse o verso de Drummond, para dar um toque de humor brasileiro. Ou o de Dante, para lembrar o sopro clássico universal *que sempre me alimentou*, ele poderia acrescentar, mas seria afetação demais. *Meus queridos* (não, eu jamais diria isso; iria parecer uma máscara de carnaval no meu rosto, daquelas de Groucho Marx. Adoro o Rio de Janeiro, vivi dois anos lá, *castamente* — e anos depois foi de lá minha primeira traição, mais de arrasto do que de desejo, sem consequências, com uma mulher chamada Bruna, *a loirinha aguada*, disse-lhe Mônica, que a chamou de *Bruma*, apelido que ele aceitou primeiro por brincadeira, depois por hábito e enfim por realismo, uma metáfora do gênero, a névoa feminina — mas jamais consegui ser carioca.); *Meus amigos* (não; seria invasivo — eu não sei como esse pessoal dos computadores consegue ter um milhão de amigos; um só, a essa altura, já estaria de bom tamanho, e ele sorriu, quem sabe uma bo-

piada para dar partida, mas não, jamais diria isso, com essa gosma piedosa autoindulgent para ser justo, eu já passei da fase das amizades, tudo agora é essência bruta); *Meus colegas* (não exatamente — há um afeto possessivo aí, uma pequena pedrinha); apenas *Colegas* — acompanhado de um sorriso discreto, com o exato espírito amistoso. Afinal, é um homenagem que me fazem. Sim. A maneira perfeita de me dirigir a eles. *Colegas*. Sem exclamação, mas sem frieza. A coisa em si, tal como seja. É difícil conquistar o modo exato do comportamento. Como quando ele abriu a porta do quarto do filho, há 25 anos, encontrou-o com o colega. Não eram adultos, mas não eram crianças — ele fechou imediatamente a porta (o toque exato de comportamento) e a sua vida nunca mais seria a mesma: uma queda sem fim, ele poderia dizer, se fosse um homem de inclinação dramática. Como se a mesma falta de ar, ou antes o desejo de regurgitar a memória seca da imagem, lhe voltasse intacto agora.

O João Veris, da História, chegou com a revista trazendo ainda uma risada lá do corredor — não era exatamente a mim que ele esperava encontrar, talvez inseguro do que eu iria dizer — eu sempre fui o tipo do sujeito que não parece estar em lugar nenhum, uma pessoa sem nitidez, um sujeito indeciso, um esquisito sem partido, um *reacionário*, como uma vez entreouvi naquele mesmo café, *ele nem chega a ser de direita*, e duas pessoas riram se pressenti-lo atrás da porta, de onde ele voltou ainda impessentido, para buscar um apagador imaginário na sala de onde saiu e dar tempo à mudança de assunto — mas mesmo assim sustentou o riso diante do entusiasmo do colega: Viu essa, Heliseu? O quebra-pau em Brasília. Diz que o Newton Cruz deu um murro num deputado. Filhos da puta. — Pegou um copo de plástico: Ainda está quente esse café? Como quem flagra uma ambiguidade, que eu não concluísse mal, explicou, sorridente: Quer dizer, filho da puta o general, não o deputado. Pelo menos não dessa vez — e soltou uma gargalhada.

Vai dar Tancredo Neves, eu lembro de ter dito, num certo esforço de fazer parte da vida real, e ele me olhou como a um inimigo, alguém que desiste, talvez, antes mesmo de a coisa começar. Por que não lutar pelas eleições diretas para presidente até as últimas consequências? Radicalizar de uma vez — o governo Figueiredo está caindo de podre. Pense em explicar o que me parecia claro, sem ingenuidade: abertura lenta, gradual, segura. Exatamente como o velho alemão queria. (Alguma coisa do puritanismo castrense do Geisel me atraía, nunca soube exatamente por quê. Talvez pela lembrança do meu pai, que teria gostado dele — *esse aí manda*, ele iria dizer. Mas é uma má lembrança.) O governo liberou a brincadeira de diretas-já, o escape da panela de pressão, a célebre “voz da rua”, as manchetes de jornal, e, depois do resultado óbvio, negocia-se Tancredo Neves. Ou vocês querem Paulo Maluf? Uma greve, insistiu ele, com a fúria dos justos — uma greve ampla, geral e irrestrita. Começando na UnB. Viu que prenderam uma porrada de estudantes? Não lembro o que eu respondi, ou se respondi — continuo com a saia discreta da folha A4 erguendo-se no mural de cortiça diante do café agora frio. Será que naquele momento eu já sentia o tédio mortal

política brasileira? Como um português da Colônia, sempre estive aqui só de passagem. Não acho que não — o tédio é um sedimento de décadas. Um *sedimento*, não um *sentimento*. Observem (de novo na sala de aula) a nasalização da vogal seguida do ensurdecimento da consoante — *sêdi* — *sênti*. Não. Naquele tempo, senhores — acho que *senhores* é no fim das contas mais elegante que *colegas*, não disfarça nada, mantém o protocolo e a distância, não preciso mais nem simular gentileza nem agredir ninguém, *senhores* —, naquele tempo eu ainda tinha o sangue quente. Lembram do Plano Cruzado, dois anos depois, sob a batuta do presidente Sarney? É impressionante, mas eu e minha mulher defendíamos com unhas e dentes o maravilhoso Plano Cruzado, a nau capitânia de um Estado falido. Lembro que eu quase troquei socos com a vendedora de disquetes da lojinha de informática, eu com a nota fiscal de um mês antes na mão, vejam aqui, seus ladrões, vocês aumentaram o preço, e isso é ilegal, eu vou denunciar — e Heliseu teve um acesso de riso que se transformou em tosse. Quando se acalmou, um desejo profundo de deitar e dormir mais um pouco ou dormir muito esqueceu a homenagem. Reclinou-se na cama e fechou os olhos, só mais um pouquinho de sono, ele é tão raro a essa altura da vida. Meu Deus, quanta idiotia retrospectiva — eu e a nota fiscal do Sarney! (Idiotia retrospectiva: seria uma boa expressão para usar hoje? Não, é um humor grosseiro, e a expressão é logicamente defeituosa. Talvez com a preposição: *e retrospectiva*.)

Dois anos depois ele diria exatamente ao mesmo João Veris no mesmo café, na mesma hora, com o mesmo papel A4 e as mesmas tachinhas: É preciso acreditar em alguma coisa. A ditadura acabou. Por que não apostar no Plano Cruzado? Ele abriu os olhos, picado pela ansiedade: de maneira que esse idiota quase bateu na vendedora porque a loja aumentou o preço do disquete de computador, de acordo com as regras imortais de Adam Smith. Imortais não! — *imorais! O livre mercado é imoral!* As bolachas flexíveis dos computadores de merda caríssimos, que o Brasil orgulhosamente produzia, tinham subido de preço. Alguém disse isso com a boca suja: a reserva de mercado da informática promovida pelos milicos é a maior bagada que o país já fez nos últimos anos, e houve uma discussão que se tornou violenta e colérica, perigosa — num gesto brusco, alguém derramou café na camisa e ninguém se aproximou para auxiliar, um paninho que fosse, um guardanapo, um gesto de apoio, um ar de consternação, nada (faltou uma mulher naquela roda de machos); um fio de café de alto preço baixo rachando o peito inflado de raiva. As pessoas levavam aquilo a sério. Todos bufando. Os tempos heroicos do Partido dos Trabalhadores. Células lutadoras em toda parte, conquistando o país palmo a palmo — toda a inteligência do Brasil do nosso lado, para salvá-lo. Não podemos entregá-lo para a Microsoft! Então os militares estão certos? São as contradições da História, e o Partido é a Vanguarda da Luta Política. Vamos entregá-lo ao Partido, talvez dissessem hoje — não, não seria elegante. Não vou me meter nessa conversa. Eu nunca tive opinião formada. Senhores, numa palavra: eu não sei e nunca soube. Como a tal Bolsa Família, que diminuiu a desigualdade social — e seus efeitos colaterais, senhores,

perenização da esmola? A angústia da opinião. Não. Não vou me meter nisso. Não sei. Não sou do ramo. Nunca fiz um discurso político na vida. Começo a falar de política e me irrito imediatamente. A Therèze que gostava; estava no seu fino sangue francês, ela farejava opiniões como um perdigueiro do bem. *Em retrospectiva*, ele poderia dizer no seu discurso uma solução conciliatória, *ninguém de fato sabia o que iria acontecer no mundo*. Mas sabiam os senhores — talvez ele aventurasse, arriscando um dedo retoricamente em riste, ou apenas mão aberta, conciliadora, um gesto mais suave —, sabiam o que queriam que acontecesse no Brasil. De modo que, de fato, conseguimos sustentar o atraso que queríamos, com orgulho e determinação! O risinho se perdeu. Para que lembrar isso? O que eu tenho mesmo a lembrar?

Ouviu o ruído da chave na porta da sala: dona Diva chegando, o que o tranquilizou, mas ao mesmo tempo o deprimiu, a máquina de pensar: eu me tranquilizei porque estou velho e preciso de alguém, cada vez mais vou precisar de alguém. Mas há uma força na minha alma, senhores — não posso ser acusado sem provas. Ele saiu do café para o corredor porque estava na hora da aula, mas isso foi desculpa, lembrou-se bem — ele saiu para se livrar da presença pegajosa de João Veris, com suas verdades irônicas sobre tudo e todos, com seu moralismo e conveniência, *essa direita corrupta!*, com suas soluções mágicas de um Estado Perfeito que havia de nos redimir a todos, o seu amor ao regulamento e a sua postura de soldado, senhores! A Universidade era o seu hábitat legítimo, que lhe caía nos ombros como um capote aconchegante. Nunca deu uma única aula que prestasse na vida — mas naquele ano eu ainda não sabia disso, Veris estava começando, e já era membro importante da Associação dos Professores (ou foi depois?). Lutai por nós, João Veris! — alguém gritou com ironia, mas não era ironia. Alguém tem de fazer o trabalho sujo. *Aumento de salário, já!* Ou então *Fora FHC* como ele leu numa faixa, 15 anos depois (foram 15 anos, tudo isso mesmo? e contou os dedos da mão uma vez e meia, ano a ano), e lembra de ter matutado, no meio de uma inédita crise de coluna, perdido na calçada e por acaso na manifestação, o esquerdista accidental, o que significaria aquilo. O que eles estão propondo mesmo?

Eu saí para o corredor para me livrar da algaravia do café e mergulhar no poder terapêutico das aulas, o grande professor de Filologia Românica. Senhores, eu amava aquele anfiteatro, isso é verdade. O poder lúdico das palavras. Nunca fui bom — vou confessar agora — em filologia sociológica, digamos assim, a luta inglória por descobrir o culpado das coisas, mas eu era ótimo em gramática histórica, o lado neutro da linguagem, classificada como uma tábu de logaritmos, aquela sequência aparentemente matemática de metaplasmos. No meu mundo o histórico entrava apenas como passagem do tempo, e não como encadeamento de causas e efeitos, o que sempre foi cientificamente confortável. Daí minha reação quando Therèze (assim mesmo, faltando um diacrítico; talvez eu contasse a história do acento faltante, mas não, é claro que não), quando Therèze apareceu diante de mim, eu me encolhendo diante de alguma coisa verdadeiramente promissora, de um projeto que, quem sabe, fosse verdadeiramente grande — você sente o que é o talento quando encontra um lampejo de

pela frente, e imediatamente recuei: Minha cara, não dá para se meter em tudo! Lamentavelmente, bem, felizmente ela não desistiu. E, enfim, palavras seduzem. Aliás, só as palavras seduzem. Mais nada.

Vou contar uma história! Aqui eu devo sustentar uma breve pausa retórica, e correr o olhar pelos olhos dos meus velhos colegas — vou sentir a aura de simpatia que certamente emanará daquela plateia generosa, ali no novo auditório das Humanas, inteiro paramentado para a homenagem, certamente quase lotado. Todos gostam de uma boa história de amor, ainda mais quando serve para suavizar a secura burocrática da entrega de uma medalha. Portanto, bem, eu vou dizer — e a ideia lhe deu uma euforia, como quem descobre a chave de sua vida — um momento de uma feliz palpitação, era isso que eu estava buscando para mim mesmo — eu vou dizer que graças à queda das consoantes intervocálicas, ocorrida entre o século X e o século XI, na região onde se fundaria lá por 1096 o Condado Portucalense, de onde vieram Portugal, Brasil e tudo que deu no que deu (as pessoas gostam de História, refugiam-se nela, confortam-se nela, tão atraente e tão distante! Napoleão, Gêngis Khan, Stálin, Péricles, Ivan, o garoto Terrível, Lincoln, Bolívar, Independência ou Morte! — tudo parece um desenho animado, como o mundo era interessante quando não fazíamos parte dele!), eu conheci Mônica, meu verdadeiro amor. Ela não está aqui na plateia, infelizmente. Ela morreu. Mas —

Voltemos ao início de tudo, por favor. Era como se ele não conseguisse sair da cama sem antes fechar, em definitivo, o — *o sentido de sua vida*, ele decidiu com um sorriso, quase sem ironia, o indicador e o polegar traçando uma linha horizontal imaginária no ar, *o sentido da vida*. De onde tirei essa expressão, alguém me disse isso falando sério, e a lembrança escapava na ponta da alma. Não importa. Não deixemos por menos, colegas: *o sentido da minha vida*. E Heliseu manteve o sorriso, ouvindo o apito da chaleira com a água quase fervente, lá da cozinha, a porta do corredor aberta — logo sentiria o cheiro do café de dona Diva.

Eu saí para o corredor ainda ouvindo a voz de Veris convertendo outra vítima que acabava de chegar, e quase esbarrei com Mônica — foi isso. O desconforto de vê-la súbita na minha seara era sempre instantâneo, senhores. Até porque, no caso do meu filho, eu sempre acho que ela —

Sim, mas ninguém mata uma mulher por isso — e ele daria um sorriso com as mãos espalmadas lateralmente, num gesto certamente simpático, o humor singular do professor Heliseu quebrando o gelo da plateia. (Algumas pessoas, talvez, chegassem a esse extremo, mas não vêm ao caso. E nem foi o meu caso, por favor, senhores! É preciso ter foco quando se fala em público.) Em 1975 ela estava com... 28, 29 anos? Mais uma vez ele olhou para os dedos das mãos, para fazer as contas. Não era exatamente bonita, mas, atrás da mesa de trabalho, sorriu da estranha queda da consoante intervocálica no século XI que começou a nos separar, definitivamente, dos leoneses, dos castelhanos e enfim dos espanhóis. Vejam, até hoje, a nossa rivalidade com os argentinos — e ele esperaria o sorriso da plateia. Tudo começou quando *dolor* foi insidiosamente se transformando em *door* e então em *dor* — pronto! Outra língua. Ou *pericolo* em *pericoo* e, com a sonorização concomitante do fonema em *perigo*. A perfeição latina, que só era real na escrita, e que já chegou aos fundos do quintal da Península Ibérica aos trancos e barrancos, na boca daqueles analfabetos carolas, poré vivazes, foi virando esta língua com que agora vos presenteio, e que já naquele tempo não queria ser castelhana, marcando a diferença em cada traço. Não — não posso dar uma aula magna. É que eu não sei fazer outra coisa.

Tudo para não falar de Mônica, queridos senhores, tão receptiva atrás da mesa de aplicações do Banco do Brasil, onde eu fugia da inflação nascente levando meu rico dinheirinho todo final de mês. Dinheiro suado, aulas de cursinho, cursos de redação, aulas particulares, o que aparecesse. Estudando para fazer concurso. Competição feroz. As pessoas se matam trabalhando, e a inflação naqueles tempos já começava a comer tudo, senhores. Mas, graças a Deus, havia a bendita correção monetária, uma invenção brasileira! — e os fundos do governo, que rendiam dia a dia. Uma maravilha. Como ele ouviria alguém dizer na televisão anos depois, e gravou a fala como uma aula perene de economia, área da ciência que nunca entendeu muita coisa, *não só a gente financiava o país falido como também*

ganhava uns trocados, numa corrente da felicidade. Queria me lembrar da palavra que não se aproximou naquele instante epifânico. Eu não gostava do nariz de Mônica — vou dizer a verdade, a sua pele era, assim, tinha desvãos de descuido, aqui e ali uma espinha mal cicatrizada, e o cabelo, aquela coisa presa no alto parece que de qualquer jeito, de quem sai correndo de casa, e a todo momento ela ajeitava a mecha indócil na testa —, e sempre aparecia uma unha com cor pela metade, como se roída de aflição — mas eu amava a gentileza e a suavidade com que ela me recebia todo fim de mês, o sorriso parece que especialmente à minha espera. E os olhos — brilhavam nítidos, aqueles pequenos círculos negros de jabuticaba, como uma vez eu sussurrei no seu ouvido, bobinho, *meus olhos de jabuticaba, eu amo você.* Renda fixa? Fundos DI? Hoje temos os papéis Luna, que são uma opção interessante. Luna? E havia no logotipo uma lua crescente — acho que crescente, ou publicitário seria demitido, eheh. Sim, é um *mix* de aplicações com uma proporção de 15% na bolsa, somente em empresas sólidas. É razoavelmente seguro — não para o senhor colocar tudo, mas uma parte. Diversificar as aplicações. Uma espécie de *overnight*, mas se o senhor deixar mais de 90 dias, o imposto cai quase a zero. Não se deve deixar todos os ovos na mesma cesta, esta é a lei do mercado, o mantra que ela repetia, sábia, todas as vezes em que eu me sentava diante dela, o que passei a fazer com mais frequência, não deixe todos os ovos na mesma cesta. E ela sorria: aplicar dinheiro é coisa divertida, *desde que o cliente assumiu uma conduta moderada diante dos riscos*, recitava, como se lesse o texto no folheto colorido. Eu gostava dos dentes — Mônica já pertencia à geração dos aparelhos dentários, que os senhores, como *gremlins* adolescentes, monstros enfim disseminados e multiplicados e ajudados pelo surpreendente crescimento da classe média, tanto bem fizeram e vêm fazendo de beleza da mulher brasileira! (Posso lançar uma outra pausa retórica, sustentada por um sorriso tranquilo.) Luna? Se você cortar aqui, e eu cortei o *n* do logotipo com a caneta que tirava delicadamente da mão dela, tem lua, eu disse — e isso aconteceu em torno do século XI, queda das consoantes intervocálicas.

E sorri para ela, o coelho saindo da cartola.

— Assim — completei, mantendo a hipnose — você pode distinguir imediatamente uma palavra popular de uma palavra... (Senhores, eu quis evitar a palavra “erudita”, porque soar pedante; imaginei que haveria algo... *discriminatório*, como se diria hoje, na minha pose de sábio; a igualdade de todas as coisas do mundo começava a entrar na ordem do dia. Tudo estava mudando, eu estava na rua e não na cátedra, e quem não se adaptasse... eu tinha de sair rápido!) — e ela me salvou com uma saída surpreendente:

— *Aristocrática!*? Acertei?

— Acertou! Uma palavra aristocrática. Por exemplo: lunar. Se o *n*, em *lunar*, não caiu, porque se recuperou na Renascença pela escrita, não pela fala. E a escrita paralisa a língua viva. — E agora baixei a voz, quase um sussurro, que ninguém ouvisse: — Já o *luar*, esse veio até nós pela boca do povo.

As jabuticabas dela se fixaram em mim por alguns segundos, brilhantes. Ela não estava mentindo quando, enfim, disse, com uma simplicidade atenta, carinhosa e generosa: *Puxa, que interessante*. (Não eram as palavras que importavam, entendam: ela estava pensando em outra coisa, muito melhor do que aquilo que dizia — a frase saiu automática.)

O meu coração deu uma disparadinha, porque ela permaneceu olhando nos meus olhos por mais tempo do que seria, quem sabe, adequado — também porque havia gente na fila para as aplicações matutinas, pessoas que bufavam, olhavam para o relógio e trocavam o pé de apoio e para as quais ela nunca deu a mínima, desde que eu estivesse sentado diante dela. E parece que só agora percebo isso, senhores. Percepções de longo prazo, que só o tempo revela.

— Você poderia me dar algumas aulas.

Vamos fixar esse momento, colegas, porque são instantes raros assim, que, apenas uma única vez, acontecem com todo mundo; momentos de uma insossa banalidade, mas que mudam nossa vida para sempre. Congelemos a cena, *stop motion*, como se diz hoje em dia nas figurinhas de massa colorida. O coração dela também acelerou, eu *senti*. A blusa branca com decote discreto, bordada com um delicado motivo azul, uma sequência de florzinhas, ia e vinha sutil ao sabor da respiração mais densa. Adivinhei um sutiã firme que empinava o conjunto. E Mônica sempre teve postura, uma mulher permanentemente de queixo erguido. Mas vamos ao diagnóstico, senhores. Primeiro sintoma: ela passou de *senhor* para *você*. Segundo, a intensidade das jabuticabas. Terceiro: a mão, falsamente por acaso, pegando a caneta de volta, sobre a luna cortada, tocando minha mão — e, enfim, somando tudo, aquele segundo suspenso entre duas pessoas que se olham e, num inexplicável repente, me perdoei a poesia, veem a vida inteira pela frente. Filhos desfilavam felizes naquela papelada. E poderia acrescentar: o poder da queda das consoantes intervocálicas, que nos separou para sempre dos espanhóis. Mas não das espanholas — e ele teve um acesso de riso, que controlou até transformá-lo em tosse, ou dona Diva imaginária que ele já está definitivamente louco. Alzheimer a galope com sua foice de — de quê mesmo?, e ele riu de novo, agora baixinho.

A primeira coisa que deveria ter feito quando a Mônica morreu era demitir a dona Diva para, enfim, ficar sozinho: mas alguma coisa — a dura concentração do olhar da velha, aquele terror no momento da queda, o vômito no chão, e no dia seguinte, e na outra semana, e nos meses sem fim, como se cobrasse alguma coisa, ou, pior, como se o ameaçasse, como se — ele não teve coragem. Colocou a mão no ombro de dona Diva, nascida Divina, aquele indecifrável busto índio-negro-mulato-branco, na primeira e única vez durante os 27 anos que ela frequentou aquele velho apartamento em que ele tocou-a fisicamente, e arrancou a voz mais soturna de que era capaz, de modo a emoldurar a mentira: Neste duro momento, ainda bem que tenho a senhora, dona Diva. Obrigado.

As espanholas: eu me perdi, senhores. Um pequeno jogo de palavras com a Mônica, cujas avó por parte de mãe era galega, e cujo bisavô por parte de pai era catalão; entre um e outro que costumeiramente se matavam naquelas vastas extensões ibéricas, a brasileira da c

sempre, esta nossa sagrada mistura. Mulher dura na queda, senhores, se me permitem trocadilho. (Sentiu imediatamente um rubor queimando-lhe o rosto — tenho de cuidar cada palavra.)

Mas deixemos Mônica no corredor do departamento, invadindo insidiosa o meu território (havia algo de roedor no jeito dela, o que ele começou a perceber assim que casaram, as jabuticabas muito próximas uma da outra, o espírito sempre atentíssimo ao menor perigo, e os dentinhos tão brancos) — eu esqueci agora o argumento dela, do que ela estava mesmo falando. Ah, sim: *aulas de inglês!* Ela queria aulas de inglês. O mundo estava mudando: se inglês, de que serve uma bancária apenas com o segundo grau, mesmo concursada do Banco do Brasil, o paraíso dos barnabés? Seria certamente demitida em breve, com aquela automação toda se armando no horizonte, só se falava disso, *logo todo mundo terá um computador em casa*, é o que diziam alarmados. E a universidade oferecia cursos de inglês para a *comunidade*, uma palavra-chave daqueles tempos revolucionários. Sim, temos que pensar na *comunidade*. Sim, é preciso estimular a integração entre a universidade e a *comunidade*. Sim, é preciso abrir as portas da universidade para a *comunidade*. Sinceramente senhores: não teria sido melhor, não teria sido mais sensato, em vez de querer estudar inglês ela — mas foi incapaz de terminar a frase: certas coisas não se dizem. É como se ele intuísse que aquilo, já naqueles impresentidos primórdios, seria o começo do fim. *Ela cuidar do filho*

Estou ainda com a folha A4 e suas tachinhas no quadro do café, levantando a base com um gesto de saia ao vento a cada movimento brusco: Filologia Românica, 10h30-12h30. O vento ergue a saia das mulheres: era esse o verso, relembrou. Mas não tenho mais certeza do ano, se 82, 84, 86, se era de fato a discussão com João Veris e o murro de Newton Cruz e o esbarrão da Mônica. O confisco da poupança foi bem depois, o fim, e dele não se esqueceram ele e Therèze no café, a menina ao lado. O problema da gramática histórica — e aqui certamente eles vão achar engraçado — é que chafurdando nela perdemos a noção do tempo eheh. A verdade é, senhores — e posso sentir agora o suspense na plateia, quando enfim eu abro o prontuário da minha vida e vou direto aos fatos: agora sim. Avancei para o anfiteatro (vejam bem, o dedo em riste advertindo: para o anfiteatro que haveria de mudar a minha vida em outro daqueles momentos-chave, irremediavelmente transformadores) pensando no meu filho, de 5 ou 7 ou 8 anos de idade, exatamente naquele momento nas mãos de dona Diva quando deveria, é claro, estar nas mãos de dona Mônica que, entretanto, queria estudar inglês e peças que não se encaixam, se vocês me entendem. Eu sei: um machismo estúpido. *Mas eu paguei o preço; estou livre*, como dizem os ex-presidiários que cumpriram as penas de seus crimes e saem para o sol, a cena final, comovente e redentora dos filmes de aventura, e pensou em acrescentar, apagando imediatamente a ideia ridícula. Fica entre nós, por favor.

O meu pai não era judeu, mas, ao contrário do que muitas vezes acontece com os góis, eu sofria de filossemitismo — acho que é essa a expressão — e não de antissemitismo, que é a forma mais popular da síndrome, até mesmo entre os judeus, que, como vocês sabem, adoram contar piadas de judeus, como aquela da divisão da pizza, vocês conhecem? Calma: eu a ouvi de um judeu! (Não; posso até sentir o calafrio diante do silêncio da plateia, um vácuo agoroso e irrecuperável; não não não. Voltar atrás.) Eu falava do filossemitismo. Tentando dar uma explicação histórica, eu diria que o puritanismo cristão do meu pai era tão intenso e profundo que o seu calvinismo instintivo tão denso e impermeável, que o sentimento religioso dispensava todas as manifestações históricas da religião, dispensava os acidentes, as heresias, os protestos, os papas, os calvinos, dispensava o próprio Cristo, e se arremessava inteiro no deserto escuro ouvindo a voz de Abraão. Em suma, virtualmente um judeu que, por acaso, nasceu cristão. O resto era um teatro ritual, como a missa dos domingos, a que fui obrigado a assistir até quase os 30 anos, sem falar dos anos de seminário. Onde mais se encontra um bom filólogo? No Triunfo da Ignorância? — perguntaria meu pai, olhando o mundo em torno dele. Ora, nos que estudam as escrituras, ou a Torá, ele poderia dizer. E acrescentava: É nos seminários que se encontram os verdadeiros filólogos. E não no meio desses pastores analfabetos, a mão sacudindo para frisar seu desprezo. Como os seminários estão acabando, os pastores proliferam — mas isso é outra história. Passei em todos os meus exames e concursos com sobras gritantes de conhecimento. Sempre fui um homem imbatível — posso até dizer isso para dona Diva, ela que não me olhe com aquela eterna suspeição de seu olho índio quando vier aqui me avisar que o café está na mesa. (Tudo é química: sinto neste exato momento a mudança sutil de humor, como numa cabala de Hipócrates — não é a minha vontade que conta, é a pipeta dos humores.) Como se, especificamente naquela manhã, outro instante banal que muda a direção da vida para sempre, eu não quisesse entrar no anfiteatro, senhores, repetir o mesmo gesto de milhares de vezes, atravessar a porta dupla com meu passo solene, sorrir discretamente para os 60 alunos de sempre, colocar livros, pastas com textos corrigidos e caderneta de chamada sobre a mesa, e — aguardando aqueles segundos, o termômetro da minha relevância, em que sutilmente o burburinho ainda adolescente vai silenciando até a gravidade do respeito e do silêncio —, e então eu diria “bom dia”. Qu

quase nunca teria resposta além de dois ou três balbucios ininteligíveis — apenas um silêncio expectante. O bom catedrático assusta. Nada de tapinhas conciliadores.

Não, retificando — eu acho que o meu filho já estava com 8 anos, portanto isso aconteceu quando eu entrava no anfiteatro nos anos 80, depois que trocaram a velha e pesada por uma dupla por outra leve e vagabunda, e puseram um telão que descia por um ridículo controle remoto, o mesmo controle que desapareceu dois meses depois, o telão meio aberto, meio fechado, o lado direito mais baixo que o esquerdo, a coisa pendurada e desbeijada sobre um velho e bom quadro-negro, e ninguém sabendo como resolver aquilo, antes pelo menos tínhamos um quadro velho com um aparador de giz, e agora essa merda inútil — a Mônica que era boa para datas, exatíssima: Não, Heliseu, aquilo foi em junho de 86, no mês do aniversário da Isaura, quando eu quebrei o braço na escada do banco, lembra? Rendeu quatro meses de licença. Ou então: Sim, passamos a semana no Rio e choveu torrencialmente, em janeiro de 89; você encontrou o Rubens naquele restaurante de Ipanema, não lembra? Ele estava com uma loira de óculos com fundo de garrafa. E tinha um nome engraçado: Masdalena. E no hotel tentaram te cobrar uma diária a mais. Uma precisão inacreditável, que deixava tudo nítido, um filme em alta definição. *Blu-ray*, como se diz hoje. Conversando com Mônica, senhores, você se sentia seguro: a palavra é “nitidez”. Uma perpétua correlação de imagem, tempo e linguagem, que emendava analogicamente o azulejo lascado do banheiro flagrado ao escovar os dentes, com o dia em que morreu Ayrton Senna, quando, é claro, serviu-se macarrão com molho de carne (e não tinha mais parmesão, como disse dona Diva assomando à porta da sala). Ah, e naquele domingo você saiu para dar uma caminhada. Lembra? Mônica era assim. E eu brincava com ela, uma piada que só a alguém como eu ocorreria, como ela mesma disse: Mônica Mnemônica!

E o que ela extraía dessa espetacular capacidade recapitulativa da vida e do mundo? Nada. O mundo se basta a si mesmo, e o poder mimético de relacionar o apito do trem numa manhã de terça-feira com a perda de um pé de chinelo e o cheiro ruim do ralo do banheiro já é recompensa suficiente para nosso tirocínio e para dar algum sentido à vida. Mas estou sendo injusto com meus olhinhos de jabuticaba. Porque há o conforto da satisfação sexual, senhores. Aqui eles vão dizer: o Heliseu, definitivamente, enlouqueceu, eheh! — esse tão menosprezado prazer, que todo mundo se esforça para cobrir com a gosma do amor, na hipótese boa, e de vergonha, na hipótese ruim. E que belíssimo conforto, senhores! É um prazer maravilhosamente mesmo (ou quem sabe especialmente) para um seminarista recalcado como eu.

Sim, vou confessar: as coisas começaram mal para mim, lá atrás, em 1948. Mas felizmente nunca me tornei um pedófilo — isso posso garantir. Uma pessoa menos forte teria sucumbido às investidas que sofre um adolescente por um cônego fescenino. Às vezes passará o resto da vida tentando reproduzir a cena soturna (ela é sempre soturna, sussurrada) com os papéis invertidos — eu li alguma coisa assim. Uma espécie de disco riscado que volta sempre ao mesmo ponto, que ouvimos sempre de novo imaginando que talvez a música vá adiantar.

mude a letra, mas ela não vai adiante nem muda a letra. Há quem, unicamente por esta breves sinapse interrompida, passe a colecionar pessoas em pedaços no porão das casas, cabeças no fundo de um *freezer*, mãos enterradas sob um pé de jabuticaba. Também não foi o meu caso. Devo acrescentar com um sorriso, que ninguém pense que eu —

Mas poderia ser, ainda mais quando o próprio pai (e eu tive a coragem de contar para ele) do que não me envergonho, pelo menos isso) chega a sugerir, balbuciante, como quem procura uma ameaça que restaure a ordem, *que se você não tivesse sido tão* — bem, tão alguma coisa, isso não teria acontecido. Vamos rezar, meu filho. Deus tudo vê. Mas mesmo para Ele há um limite da exposição da intimidade, *certas coisas não se dizem, filho* — tranquilizem-se, senhores, por favor. Cheguei a ver um casal se levantando na terceira fila, e a ouvir o burburinho da plateia imaginária: o que mais teremos de aguentar do professor Heliseu? Assim que ele quer receber medalha?

Por favor, fiquem tranquilos. Vou fazer como meu filho, que elegantemente sempre me poupou dos detalhes. Há cinco meses me ligou de San Francisco — foi a última vez que falamos, eu acho — para dizer que eles se inscreveram para adotar uma criança e acabaram de ser chamados. Uma menina! Dei os parabéns. Eu até fui caloroso, arrancando um tom sincero de voz do fundo de tantos e tão completos desastres: Parabéns, filho! E repeti: Parabéns!! que me leva de novo à língua inglesa, à Mônica, à minha enésima entrada triunfal no anfiteatro depois de deixar atrás de mim o discurso de João Veris, agora mais velho, veterano das caravanas a Brasília, a luta continua, a direita é incansável, não podemos esmorecer!, e esbarrão na minha mulher: *Heliseu, eu posso frequentar as aulas das quatro da tarde, e ainda consigo dispensa do banco, na rubrica de Capacitação Profissional!* Ela estava realmente feliz.

Vou dizer de uma vez: eu senti um ciúme pré-histórico da minha mulher. A alegria dela enterrou-se aguda no meu peito, e não saiu mais. Ciúme ou inveja? Foi o começo do fim, tínhamos ainda uma vida inteira pela frente, como diz todo mundo. Talvez nesse momento eu repita mais uma vez a clássica pergunta retórica, para diminuir a intensidade dramática da confissão, afastando-me emocionalmente de mim mesmo, o que só aprendi a fazer depois de muito velho: Será o ciúme manifestação paradoxal do amor, e tanto mais intenso o sentimento azedo que nos corrói quanto mais alta for a paixão que nos consome? Aqui aguardo dez segundos em silêncio, para que os surrados versos em prosa caem fundo nos ouvidos, principalmente nos das mulheres. As mulheres gostam de mergulhar nas emoções. Que elas não me ouçam, senhores! Não sei se os tempos mudaram; eu, de fato, nunca mudei. Durmo como pedra. Assim, quando os olhos de jabuticaba me seduziram, tão próximos um do outro, senti o êxtase do carinho: alguém me ama. O que se traduziu, no nosso primeiro encontro numa prosaica sessão de cinema que culminou num beijo. Não sei explicar: a proximidade física, o rompimento da intimidade, a aura de abandono, o puro e simples desejo físico que se vê misteriosa e completamente correspondido, como em nenhum outro momento da vida — quando voltei a abrir os olhos, eu *tinha* alguém (e talvez, no palco, eu feche a mão direita

num gesto rápido, como quem agarra firme uma pedrinha que cai ou uma mosca que voa). Mônica, *plim!*, ficou bela como uma princesa — as pessoas gostam de ouvir coisas assim — posso até manter uma breve pausa, antes de afinal avançar naquele corredor em que eu esbarrou comigo, alguns anos depois: aulas de inglês.

É que há um momento, senhores, passada a longa febre, em que queremos ficar um tempo sozinhos, principalmente em nosso território. Um cansaço mortal da vida caseira. Dizem que a biologia explica, dizem que a cultura explica, dizem que as duas coisas explicam, e que assim não escolhemos nada, o que é bastante confortável, além de profundamente científico, tudo comprovado, preto no branco, gráficos e tabelas indiscutíveis. Inventaram até uma coisa chamada neurociência, de consumo popular, que explica até o que o diabo não explica. Aliás, substituí com vantagens Deus e o Diabo. Assim, sou uma vítima. Somos pobres vítimas. O século XX foi, com toda razão, o século das vítimas. Por onde quer que se andasse, montanhas de vítimas. Algumas terraplenadas nuas e secas em covas coletivas. Outras gordas e bem nutridas: vítimas. Vítimas armadas e vítimas desarmadas. Todos vítimas. A maior hipertrofia de vítimas da História da Humanidade. A vontade própria, essa birra adolescente ou a escolha, esse anacronismo bíblico, ou o livre-arbítrio, essa excrescência filosófica, tudo se refugiou mais abaixo que os subterrâneos. Vítimas por toda parte. Dava até pena. Aqueles dois andando de moto — *Easy Rider*, lembrei o nome do filme — também eram vítimas, e por isso saíam por aí desprezando o mundo e fumando maconha. Vítimas da sociedade, era assim que se dizia naquele tempo. *Eles são vítimas da sociedade*, lembro Mônica dizendo na semana seguinte numa festa do cursinho em que eu dava aulas, a primeira vez em que eu a mostrei orgulhosamente ao mundo, e só largava sua mão, relutante, apenas quando ela pedia para ir ao banheiro, avançando por um corredor espesso de fumaça, pernas atravessadas no chão, copos de uísque, vinho, cerveja. Sua minissaia vermelha me deixava aflito, não pelas pernas que mostra, senhores, que era a moda (eu poderia acrescentar, “como vocês certamente se lembram”, se a idade da plateia bater com a minha, o que é bastante provável, somando as idades chegaremos a Tutankâmon) — mas porque, no conjunto, em suas pernas havia um arco deselegante que separava os joelhos. Mônica tinha as pernas tortas, de maneira que não, não vou falar disso, Heliseu decidiu. É irrelevante. Mas fiquei impressionado com a segurança com que ela discutia cinema, o incrível modo de quem está perfeitamente convencido do que diz, que ela jamais perdeu. E, na rua — os *shoppings* ainda não estavam na moda — passeávamos muito naquele tempo, vendo lojas e preparando o casamento, que foi simples e comovente —, sempre que encontrava uma palavra à solta, Mônica perguntava de onde ela vinha, um modo carinhoso de me agradar. *Alfaiate?* Vem do árabe — eles ocuparam a Península Ibérica por 800 anos e deixaram umas 1.000 palavras entre nós, mas nenhuma estrutural. Não há conjunções ou preposições — somente nomes. O que diz muito sobre a natureza político-social dessa ocupação quase milenar (mas isso eu só iria frisar anos depois ao conhecer Therèze) — e Mônica se distraía: vamos dar uma olhada naquela loja de cortina

Até para... E eu interrompia: talvez *até*, um caso único. Há quem diga que deriva do árabe, *-a* inicial um resquício do artigo árabe *-al*. Os olhos de Mônica não desgrudavam da cortina azul, mas a alma prosseguia comigo: E o que você acha? Eu também olhava a cortina. Eu acho que é pouquíssimo provável. Certamente *até* é uma típica corruptela do latim. Aqui não há necessidade de procurar chifre em cabeça de árabe. (Não: isso inventei agora, senhores. Nos anos 70 essa expressão não me ocorreria.) Heli (naquele tempo ela me chamava de Heli — é um caso não tão raro de um apelido que, carinhosamente criado pelo amor num momento de vida, vai desaparecendo na mesma medida em que o amor também desvanece, sem deixar rastro; a última vez em que ela pronunciou o “Heli”, antes de aguar suas plantas, o tom era rasgadamente irônico e as mãos estavam na cintura, aquele seu gesto vulgar e estúpido que me dava uma irritação quase que demoníaca, e que ela repetia cada vez com mais frequência a bunda torta apoiada na perna esquerda, como o esboço de um cartum mal desenhado) — Heli, o azul vai ficar bem na sala — se a gente comprar mesmo aquele sofá bege. A cor combina. *Até*.

O aroma do café chegou a ele, e uma rápida maquinação de causas e efeitos em sua cabeça imaginou que logo dona Diva assomaria à porta para lhe fazer alguma pergunta objetiva, o mesmo, ou aquilo, como eram todas as perguntas de dona Diva e como rarissimamente ele conseguiu ouvir ao longo de seus 40 anos de sala de aula. Exceto, naturalmente, durante o “caso Therèze” — talvez ele pudesse dizer assim, como um cientista apresentando aos seus pares um rigoroso estudo de caso, a lâmina ao microscópio. Mas antes ele precisaria entrar novamente naquele anfiteatro depois de esbarrar, mais uma vez, em sua Mônica querendo aulas de inglês. As aulas de filologia românica — e os pitorescos casos de queda das consoantes intervocálicas, com ditongação subsequente, *arena, area, areia* — não eram mais suficientes.

— Senhores, ela queria aulas de inglês.

— O senhor me chamou, doutor Heliseu?

Levou um susto com a imagem de dona Diva à porta do quarto — o mesmo susto que assombrava todas as vezes em que ela assomava em silêncio na sua vida, uma presença que ele nunca conseguiu interpretar exatamente, se era ameaçadora, tranquila, acidentalmente indiferente ou apenas obsequiosa, a atenção gentil de uma empregada fiel, que, sendo quase íntima, jamais ultrapassava o umbral da intimidade, sabendo o seu lugar — ali, no limite da porta, a silhueta inteira sob o batente, com sua magreza tensa, sua saia sempre longa, os cabelos sempre compridos presos na nuca e se espraiando em tranças nas costas porque a religião não permite cortá-los — uma vez ela disse algo assim quando ele (não; quando Mônica) fez uma pergunta mais pessoal, num tom sorridente, sobre os longos cabelos de dona Diva. A religião controla as pessoas: isso é bom, ele se lembra de ter dito à Mônica, e tivera uma breve rusga pela intensidade, ou antes *agressividade*, da expressão “controlar”, que pareceu pesada a ela e exata a ele: Não é assim que o mundo funciona, Heli, disse-lhe Mônica. Falta religião para as pessoas, uma vez ele disse, como quem faz um desabafo irreprimível diante da vanguarda moderna de seus colegas (e ouviu que era o contrário, que havia religião *demais*, veja o absurdo no Irã, o que estão fazendo com Salman Rushdie, alguém berrou para ele) naquele mesmo café olhando para a mesma folha A4 de onde ele disparou para o anfiteatro esbarrando em Mônica. Mas falta religião para quais pessoas? — alguém contemporizou, colocando açúcar no café. Ele quase respondeu: as pessoas pobres

ignorantes, semianalfabetas, que, sem religião, entrarão nas nossas casas, estuprarão nossas mulheres, roubarão nossos computadores e matarão nossos filhos, porque, *apud* Karamázov, se Deus não existe, tudo é permitido. Ele teria dito isso com ironia, imaginou-se explicando, mas eu nunca fui bom em ironia, uma vez ele confessou à Mônica, minha ironia sempre chegava literal ao destinatário; quando eu falava da queda das consoantes intervocálicas era uma imagem, mas você recebia como aula, de modo que ele fingiu não ouvir a pergunta, *ora, quem são essas pessoas?!*, mexendo o cafezinho no copo plástico com aquele palitinho também de plástico e mais o picote do microenvelope de açúcar, tudo babado em torno, um conjunto desagradável de coisas nojentas, o copo mole queimando-lhe os dedos — vou já para o anfiteatro, lá eu sou Rei e vivo em paz. Antes de sair, pensou em dizer, para criar um paradoxo: a religião é o contrário da televisão: a TV corrompe o povo analfabeto, mas é útil para nós, a elite letrada que sabe fazer bom uso dela; já a religião é útil para o povo, que entende sua lógica e se ajoelha certinho, mas corrompe a elite, que, unida em Cristo, se torna carola, gosmentada e extrema direita, isso quando não mistura ciência com religião e descerebra-se definitivamente e sem cura. Era isso que eu deveria ter dito.

— O senhor me chamou, doutor Heliseu?

A televisão está acabando, disse-me Therèze num de nossos últimos encontros: lembra o filme *Fahrenheit 451*, do Truffaut? As telas que as pessoas vão pôr nas paredes já serão outra coisa. Therèze era boa também em previsões — ou, no caso dela mesma, em conduzir o próprio futuro, guia sutil de si mesma. Essas caixinhas vão desaparecer. *Requiescát in pace*: é assim que se pronuncia a expressão latina?, Therèze perguntou, e acendeu um cigarro. Eu, não fumante, sempre me perguntava o que pensaria Mônica do cheiro de cigarro em minha roupa ao chegar em casa, o que era bobagem, ou apenas a culpa secreta, porque o mundo só ano depois deixaria progressivamente de fumar à razão de centenas de fumantes por minuto.

Ele ficou olhando o rosto sempre igual de dona Diva. Às vezes fantasiava que ela estava mais índia, outros dias mais negra, às vezes mais branca, e era como se cada face tivesse traços inconfundíveis de comportamento, que ele poderia abstrair em teorias esquemáticas, quem sabe úteis para o café, a sua ágora — e às vezes dona Diva resultava absolutamente indecifrável, como neste exato momento. O problema é que eu ando falando sozinho já há um dois ou três anos, e não me apercebo. Terei dito algo impróprio, uma confissão mortal, um palavrão avulso, uma cena de sexo? As pernas de Therèze, por exemplo, que em golfadas de memória voltavam-lhe como asas em torno do seu pescoço com uma maciez que agora lhe doía na alma. O tempo que passou e que os anos não trazem mais, recitou. A minha infância querida, e ele deixou escapar um sorriso para dona Diva, atravessado pela lembrança dos dedos de sua mãe em seus cabelos.

— Bom dia, dona Diva.

O apartamento, ainda que muito confortável e banhado de luz (*é face norte*, cochicho de Mônica décadas atrás, temendo paranoica que o corretor subisse o preço justo por isso), não

era suficientemente grande para manter as distâncias, de modo que sua empregada imemorial estava a três passos de sua cama, a poucos metros da sala, e dali, por um corredor de cinco passos, chegava-se à cozinha — de qualquer forma, ele pensou quase em voz alta, o cenário em que vivo já é quase mais de hospital que de alcova; mais um pouco haverá aqui, que sabe, o cabide de um tubo de soro direto na veia. Mas ela não correspondeu ao sorriso. Aguardava uma palavra, já com uma visível fissura de apreensão nos lábios, até cortar o silêncio:

— O senhor quer que eu lhe traga o café? — era uma pergunta que temia a resposta.

— Não não, eu só estava falando sozinho — disse ele distraído, na esperança de fazer graça, a cabeça ainda um minuto antes.

Fitaram-se de novo, com a surpresa de quem cai mais uma vez na mesma situação tensa e mutuamente incompreensível, até que ele, arrastando-se com dificuldade para longe da sombra de Therèse, reassumiu a rotina:

— Eu vou tomar café na sala. Daqui a pouco — e um gesto irritadiço, ou apenas impaciente, parecia expulsá-la dali, porque ele queria recuperar aquele fiapo de memória, uma imagem que lhe deu um prazer de segundos mas que agora desaparecia sem rastro: Therèse, minha mãe, Mônica, Úrsula, Bruma? Quando reabriu os olhos, dona Diva não estava mais ali. Apurou o ouvido e sentiu a porta da cozinha se fechar adiante. Será que ela ouviu alguma coisa que ele tenha dito em voz alta? O Inspetor Maigret — ele imaginou alguém assim, um homem sutil, discreto, cachimbo à mão, capaz de compreender as finas camadas de realidade que, como chapas delicadas de gelo finíssimo, celuloídes nervurados, repousam sob a aparência suja e descuidada das coisas, à espera de uma inteligência que as interprete — conversava com dona Diva diante da mesa da sala, enquanto um outro policial lhe estendia um copo d'água. Afastaram-no de um modo surpreendentemente gentil da área de serviço, o cenário da cena do crime, por assim dizer, é apenas uma *expressão padrão*, ele se justificou, o vômito limpo do piso pelas mãos atentas de dona Diva, mas o gosto azedo permanecia nos lábios, o lenço inútil nas mãos, ele queria lavar-se mas não teve tempo — levaram-no à poltrona da sala, a mesma que era a preferida de Mônica, e ali ele ficou. Ela foi aguar as plantas, o homem perguntou sem ênfase, mais uma afirmação, como quem recapitula o que já sabe, e ao mesmo tempo pondera o inescrutável absurdo das coisas simples, e Heliseu ouviu a voz nítida e aguda de dona Diva à mesa da sala, Eu estava no quarto fazendo a cama, o que o Inspetor Maigret — na verdade um policial grosseiro mas tímido, claramente fora de seu hábitat — tentando se livrar logo daquilo em canetadas ilegíveis que anotava num caderninho, como se fizesse ponta num filme cheio de estrelas — o que o inspetor ouvia com mal disfarçada impaciência. Eu até ponderei, senhores — ele poderia dizer na cerimônia de hoje, baixando o respeitoso a voz ao repartir com a plateia atenta a intimidade do pior momento de sua vida —, eu ponderei a ideia de sentar ao lado de dona Diva e esclarecer didaticamente com os policiais os pontos faltantes, se é que os havia, mas achei por bem ficar onde estava, olhando

marejados, e beber a água oferecida em goles quase soluçantes. O senhor tem certeza de que não precisa de um médico? — e a mão do homem tocava levíssima o meu ombro. A palavra “médico” (eu acho que foi isso que eu pensei, absurdo, naquele instante), pelo simples fato de ser uma proparoxítona, num sistema fônico em que a posição da sílaba tônica é significativa, como no Português, não tem raízes populares, desembarcando na língua pela via da escrita, durante a Renascença, a partir do final do século XX. Repugnam à oralidade do Português palavras proparoxítonas, que entraram e permaneceram na língua, digamos, fórceps! — e ele daria um tapinha nas costas do policial: não é curioso? Desde a filologia, médicos não são populares, eheh! (E eu ocultaria a *lágrima*, esta palavra docemente dramática, a única que se manteve inalterada e sem sinônimo para sempre entre nós.)

A loucura — se fosse esse o caso, senhores, o que obviamente não é, mas dizemos assim por amor à retórica — começou pelo inesperado relâmpago do ciúme, em que Mônica acumulava sozinha os papéis de Desdêmona, Iago e Madame Bovary. Aulas de inglês! Antes porém, preciso entrar naquele anfiteatro novamente. Mas era como se o inimigo, mais uma vez, me acompanhasse, como no sonho desta manhã — jamais consegui me livrar dele. Aquilo me deu uma irritação profunda — a invasão do meu espaço numa idade, ou num momento vital, em que eu começava a achar que poderia, quem sabe, *viver sozinho*. Eu não precisava mais da sombra de Mônica, dizendo as coisas cruamente. Havia um sopro de transformação no ar — os colegas da História (alguns deles eu tenho certeza de que irão cerimônia — durante muitos anos partilhamos o mesmo corredor e o mesmo cafezinho, antes da grande reforma do prédio que nos colocou em órbitas distantes) saberão do que estou falando. Mais alguns poucos anos e o Brasil começaria a importar carros russos, chamados “Lada”, sob a chancela de ninguém menos que Gorbachov! E muito mais que isso: seria liberado o uso de cartão de crédito no exterior, o que haveria de nos dar um *frisson* de modernidade! Um paradoxo engraçado, ladas e cartões de crédito, o retrato daquele país, senhores! E quantas e quantas e quantas vezes me ligaram das rádios e das tevês perguntando sobre a invasão de palavras estrangeiras na pobre língua portuguesa! Doutor Heliseu, iremos sobreviver a esta *blitzkrieg* lexical e semântica?!, perguntavam os locutores indignados, espera do meu terrível diagnóstico de especialista. “Deletar” é legítimo? “Mouse” é aceitável? “Software” está no espírito da língua? Delenda Carthago! Senhores, foi um momento de ouro da minha vida profissional! Sim, anos 1990.

Mas estou me antecipando — uma coisa de cada vez. Antes de mais nada, a Mônica quer aulas de inglês, para subir profissionalmente. Sinceramente: eu comecei a achar — com quem tem um estalo! — que ela, e mais aquele filho (cuja porta eu abriria poucos anos depois só para comprovar minha profunda desconfiança — não, não vou dizer isso; não posso me deixar levar pelos sentimentos; os sentimentos mentem e traem, os sentimentos são invencivelmente preconceituosos, os sentimentos arrepiam à revelia da razão, os sentimentos são nossos inimigos fantasiados de irmãos — isso eu posso dizer: Senhores, os sentimentos

- [Simply Allergy-Free: Quick and Tasty Recipes for Every Night of the Week.pdf, azw \(kindle\)](#)
- [read Bf 109D/E Aces 1939-41.pdf, azw \(kindle\), epub, doc, mobi](#)
- [**The Good Cook's Book of Oil and Vinegar: One of the World's Most Delicious Pairings, with more than 150 recipes for free**](#)
- [download online The Armada Legacy for free](#)

- <http://test.markblaustein.com/library/Antonioni.pdf>
- <http://bestarthritiscare.com/library/Bf-109D-E-Aces-1939-41.pdf>
- <http://aseasonedman.com/ebooks/Virgin-to-Veteran--How-to-Get-Cooking-with-Confidence.pdf>
- <http://damianfoster.com/books/The-Armada-Legacy.pdf>